



Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia alusiva ao batimento da quilha do primeiro navio do Programa de Modernização e Expansão da Frota (Promef)

Porto de Suape-PE, 11 de setembro de 2009

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa para vocês. Primeiro, eu acho que este estaleiro é um pouco da cara do Brasil, que anda na contramão do Consenso de Washington.

Jornalista: Mais alto, Presidente.

Presidente: Não, eu não posso fazer discurso. Ou vocês, da imprensa escrita, passam aqui para a frente, ou eu não posso gritar porque eu estou com dificuldade de falar mais alto do que estou falando. Então, eu acho que a fotografia deste estaleiro é um pouco antagônica, a fotografia determinada pelo Consenso de Washington, que era a crença no mercado, a descrença no Estado, e achar que tinha um deus chamado mercado que poderia resolver o problema das ações.

Com o que eu vi hoje aqui neste estaleiro, eu estou convencido de que valeram a pena todas as conversas que eu tive com o José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, valeram a pena todas as conversas que eu tive com os empresários da indústria naval, valeram todas as conversas que eu tive com os metalúrgicos e com os petroleiros do Brasil, teimando que era possível a gente construir as coisas no Brasil e que o Brasil era muito grande para ficar dependente apenas de importar produtos que nós poderíamos produzir aqui dentro. E este estaleiro é a marca mais profunda. Não apenas fazer no Brasil, mas fazer em uma região do Nordeste que era a região que foi, nos últimos 40 anos, esquecida pelos governantes brasileiros.



Então, isso é um motivo de alegria. Possivelmente vocês não tenham dimensão da emoção que eu sinto quando eu vejo aquela quantidade de jovens vestidos com o uniforme da empresa, ganhando salário, com carteira profissional assinada, levando para casa a coisa mais sagrada que tem um ser humano, que é o dinheiro ganho com suor e sangue pelo resultado do seu trabalho. Isso, para mim, é uma fotografia que não tem preço. Ela me traz muito orgulho. E depois, o orgulho maior de perceber que isso vai acontecer daqui para a frente todo ano, todo mês e toda hora porque vai ter muito mais navios, vai ter muito mais sondas. Vocês viram o anúncio do presidente da Petrobras, que as 20 – 28 sondas, José Sergio? – vão ser contratadas no Brasil.

Tudo isso, seis anos atrás, era impossível porque as pessoas diziam que o Brasil não tinha tecnologia, não tinha conhecimento, não tinha estaleiro. Vocês viram o anúncio da necessidade de construir mais estaleiros neste país e nós vamos espriar os estaleiros por outros estados para que todos os estados tenham a possibilidade de se desenvolver e ajudar a melhorar a vida do seu povo. Então, isso é uma... para mim é uma gratificação, da mesma forma que inaugurar mais uma escola. Eu ainda vou aprender porque a elite brasileira não fez as escolas quando ela poderia ter feito. Por que é que, em cem anos, toda a elite brasileira que governou este país só fez 140 escolas e um cara, metalúrgico, vai fazer 214? Ou seja, eu vou fazer uma vez e meia, em oito anos, o que eles fizeram em um século.

Eu fico feliz porque eu tenho a consciência de que, a partir de 2011, quem vier governar este país tem obrigação moral e política de fazer muito mais do que eu, porque senão vai ficar desmoralizado diante do povo. O povo vai perguntar: “Pô, como é que um metalúrgico, sem diploma universitário, fez tanta escola e você não faz?”. Então ele vai ter o meu governo como paradigma para ele fazer mais e Deus queira que ele faça mais, Deus queira... Quando eu trabalhava na fábrica, a gente trabalhava em horário de



revezamento. Então, todas as peças que a gente fazia, a gente colocava em uma caixa. Então, um trabalhador ficava contando as do outro para saber o seguinte: o cara fez 50, eu vou fazer 51. Ele fez 51, eu vou fazer 52.

Eu vou entregar por escrito – vocês já ouviram isso de mim –, eu vou entregar, registrado em cartório, cada centavo que nós investimos em oito anos, cada estrada que nós conseguimos fazer, quanto nós não conseguimos fazer, por que não fizemos, quem foi o culpado de a gente não ter feito o que tinha que fazer, para que o novo governante deste país tenha, na mão, a fotografia do que ele recebeu, e ele, então, faça muito mais.

Então, este estaleiro, para mim, hoje, é uma coisa um pouco que sagrada, porque foram anos de briga para a gente convencer a nós, brasileiros, que nós éramos possíveis... nós tínhamos competência para construir isso.

Dito isso, eu, sinceramente, fico triste quando eu percebo que a imprensa não consegue mais o que é uma brincadeira, uma ironia, com a verdade. Eu nem tinha lido a matéria de um menino, acho que da Folha de São Paulo ou do Globo, que eu estava no Itamaraty... eu estava de costas até, quando ele perguntou: “Os americanos estão oferecendo mais...” Eu não tinha nem visto. Eu falei: se continuar essa disputa, eu vou ganhar de graça.

O que eu acho ruim é as pessoas não diferenciarem o que é uma brincadeira e uma ironia do que é uma resposta séria sobre um assunto. Lógico que esse é um assunto extremamente importante para o Brasil. Nós estamos em um processo de fazer uma boa análise. É importante que os fornecedores estejam oferecendo cada coisa, cada vez [com] mais potencialidade. Uma coisa está clara: nós queremos transferência de tecnologia e queremos construir esses aviões no Brasil. O presidente Sarkozy até agora foi o único presidente que disse textualmente para mim que ele quer transferir não apenas tecnologia para o Brasil, mas fazer o avião aqui, e que o Brasil tem disponibilidade para vender produzido aqui em toda a América Latina. Essa é a única coisa concreta que eu tenho.



Ora, se alguém quiser – e por isso que nós estamos conversando com a França. Se alguém quiser ofertar mais, que oferte, negociação é assim, às vezes leva um ano. Da outra vez, quando eu tomei posse em 2003, eu suspendi a discussão sobre os FX, porque eu encontrei um país numa miséria absoluta, não poderia ficar comprando avião e o povo passando fome.

Mas eu acho que com essa história de o Brasil ter, hoje, muito mais preocupação com a Amazônia do que tinha há 20 anos... E por quê? Porque a questão do clima é muito discutida hoje do que era há 20 anos. E também porque nós discutimos uma outra reserva extraordinária no pré-sal, nós temos que cuidar disso, porque nós já sabemos a quantidade de guerras que houve por conta do petróleo.

Então, nós vamos discutir com muita tranquilidade. E eu fico vendo a imprensa e fico, às vezes, achando engraçadas as coisas como são colocadas: quem é que vai escolher, se é fulano, se é beltrano. Ora, vou dizer uma coisa para vocês: a FAB, ela tem o conhecimento tecnológico para fazer a avaliação, ela tem e vai fazer, e eu preciso que ela faça. Agora, a decisão é política e estratégica, e essa é do presidente da República e de ninguém mais. Por enquanto, nós estamos na fase dos palpites, quem quiser dar palpite que dê. Vocês podem dar palpite, outras pessoas podem dar palpite. Mas vai ter um dia em que a criança vai ter que nascer, e aí...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, não. Veja, nós estamos estudando. É muito dinheiro em jogo e há muita coisa em jogo, para a gente achar que... O Sarkozy ofereceu possibilidade. Agora, vamos saber se a Dassault está disposta a flexibilizar para a proposta do Sarkozy. O que nós temos é um outro parâmetro. O que nós temos é um outro parâmetro. Não existe proposta, até agora, fora a do presidente Sarkozy, dita a mim pessoalmente, não foi por uma matéria de



jornal, foi dita a mim pessoalmente, de flexibilizar.

Então, por enquanto é isso que nós temos, e temos muito tempo para discutir, porque eu não tenho obrigação de decidir amanhã, depois de amanhã, no ano que vem, eu decido quando eu quiser, é isso. Mais uma pergunta, gente, e eu vou embora, porque eu tenho mais três compromissos, e vou chegar em São Paulo às 11 horas da noite.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Olhe, eu penso que os estados do Nordeste ficaram para trás durante muito tempo. Se você medir indicadores de mortalidade infantil, é mais no Nordeste; se você discutir desnutrição, é mais no Nordeste; se você discutir analfabetismo, é mais no Nordeste; se você discutir o número de doutores nas universidades, é menos no Nordeste; se você discutir o número de médicos, é menos no Nordeste. Então, nós precisamos equalizar este país, ou seja, que todos tenham oportunidade.

Então, o que eu acho é que os estados do Nordeste precisam ter a chance de se desenvolver. Quanto mais crescer o Nordeste, mais cresce São Paulo, mais cresce o Rio de Janeiro, mais cresce Minas Gerais, por quê? Porque eles são grandes produtores, detêm muita tecnologia, e eles vão vender para as pessoas daqui que puderem comprar. Essa é a lógica, ou seja, na hora em que a gente elevar a classe brasileira, a classe trabalhadora, aqueles mais pobres a um patamar de classe média, todo mundo ganha: ganha o Brasil; ganha o mundo, porque nós vamos importar mais; ganham os trabalhadores do Nordeste, que vão se desenvolver, vão ganhar mais. É isso que nós precisamos fazer.

Olha, a cara dos trabalhadores hoje, ali, o orgulho deles, com o macacão... eu conversei com um agora há pouco, ele está trabalhando aqui, o pai dele era cortador de cana, ele fez nove meses de cursinho para estar hoje



trabalhando de montador nesse estaleiro. Olha, é uma glória que somente quem está vivendo sabe.

Jornalista: (incompreensível) O senhor está satisfeito com esse trabalho do Agnelli?

Presidente: Veja, eu não tenho problema pessoal com o Roger, que é meu amigo. O Roger é um dos grandes amigos que eu construí depois que eu assumi a Presidência da República.

Veja, primeiro dizer a questão das emendas parlamentares. É obrigação do Congresso apresentar emendas. Seria desconfortável e inexplicável se eu mandasse um projeto para o Congresso com um carimbo dizendo: “é proibido mudar”. Ora, eu mando para o Congresso exatamente porque lá é que tem a representação da sociedade que vai debater e certamente vai aperfeiçoar. Eu não tenho nenhuma preocupação com a quantidade de emendas. A minha preocupação é com o calendário de votação e eu tenho a garantia do presidente da Câmara que dia 10 de novembro começa a votar. Segundo... e a questão da educação não é apenas a questão da educação. Eu coloquei educação, ciência e tecnologia, combate à pobreza, meio ambiente e cultura. Agora, obviamente que tem mais coisa para colocar. Agora, se eu não deixo para colocar, o que o Congresso ia colocar? Então tem que ter uma margem de manobra na aprovação de uma lei, na articulação do governo com o Congresso Nacional.

Veja, o que eu acho? Eu tenho tido algumas reuniões com o Roger Agnelli. Esta semana eu tive uma grande reunião com ele e com o Luciano Coutinho discutindo com ele o seguinte: que é impossível a Vale do Rio Doce continuar comprando navio na China quando a gente está montando a indústria naval aqui. Ele disse para mim que a indústria naval brasileira não podia, não fabricava navio de 400 toneladas... eu agora conversei com os companheiros



do Atlântico Sul e eles disseram que já estão preparados. Então, eu já assumi o compromisso que na semana que vem tem uma reunião do Atlântico Sul com o Roger Agnelli e com a indústria naval para saber se é possível. Porque eu disse ao companheiro Roger que a gente tem que pensar é no Brasil, ou seja, você vai comprar um pouco mais barato, mas você está fazendo o quê? Está gerando empregos na China, está gerando pagamento de salários na China. E isso quanto importa para um país? Então, nós vamos ter que construir no Brasil.

Depois, eu discuti com o companheiro Roger também a questão dos investimentos em siderurgia. Nós estamos discutindo há pelo menos quatro anos uma siderurgia no Espírito Santo, uma siderurgia no Ceará, uma siderurgia no Pará, e eu disse ao Roger que é preciso a gente começar a construir essa siderúrgica, por quê? Porque era para a gente ter começado a construir no auge da crise, que era para gente dar resposta a quem estava com medo. Mas veja, o Roger é meu parceiro, é parceiro do país, é parceiro do governo e...

Jornalista: (Incompreensível)

Presidente: Não, me desculpe, mas não é correto. Eu não li nem a matéria e ia fazer um comentário sobre o que aconteceu em outro país? Seria, primeiro, indelicadeza da minha parte. Gente, que Deus abençoe.

(\$31EGJLP)